

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 8 de dezembro de 1903  
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

## P.º JOSÉ VIEIRA E SOUZA COUTINHO

«A Lagrima» paga hoje um tributo, que deve, á memoria de um filho de Barcellos, que, em nossos dias, muito lustre deu á nossa terra, pelo seu talento, pelo seu trabalho e pela sua illustração).

Enquadrar o retrato do padre José Vieira e Souza Coutinho na galeria illustrada da «Lagrima» era um dever de gratidão e de justiça.

Desde creança, que seus paes, e principalmente a sua mãe, na do baptismo, D. Anna de Ambrósio, assim conhecida, e que para seu patrimonio lhe legara a casa, que na rua de D. Antonio Barroso, possui a familia Vieira e Souza, destinaram o nosso biographado para o estado ecclesiastico.

Sahido da escola do Borges de Queiroz, foi estudar Latim com o antigo professor official José Candido de Sá Pereira, em que, muito novo ainda, principiou de manifestar uma intelligencia atilada e fina.

Eram poucos os preparatorios, que então se exigiam para o curso ecclesiastico; mas o José Vieira, com o desejo de saber, e com avontade de estudar, matriculou-se no lyceu de Braga, em as cadeiras de Rhetorica, de Grego e de Francez, o que então não era exigido.

Fôra, no seu tempo, um dos estudantes mais distinctos do curso theologico; gosava da estima de todo o corpo docente tanto do Lyceu como do Seminario: tinha a dedicacão e a estima do Dr. Rodrigues, o bibliotecario então em Braga, um sabio, cuja conversa era uma dicção de grande valor, e que o José Vieira aproveitava dia a dia, chegando a dizer-me o Dr. Rodrigues:—«este seu Vieira faz-me lembrar do nosso Padre Antonio Vieira». Tal era o conceito, que d'elle fazia o homem mais sabio de Braga n'aquelles tempos.

O José Vieira concluiu o seu curso, e ordenou-se de ordens sacras em 1856.

Era diacono, quando prégou o seu primeiro sermão em a festa d o SS. Sacramento na nossa Collegiada, por esse tempo a primeira festa de Barcellos.

Penhorou em extremo todo o auditorio, que ficou cheio de sympathias pelo novo prégador; d'ahi em diante todos os sermões das melhores festas de Barcellos eram dados ao padre José Vieira.

Ordenado de Presbytero foi, por alguns annos, capellão da missa das 10 na Misericordia, destinando-se á vida parochial.

A primeira Igreja que vagou foi a da Pouza n'este concelho. Padre Vieira fez-lhe termo. Era concorrente áquella Igreja o Dr. Lucio Antonio da Costa, mordomo e comensal do Prelado; pelo que Padre Vieira foi fa-

zer termo de desistencia ao concurso, facto este que foi muito do agrado do Sr. Arcebispo, e tanto que então lhe dissera: ide; e, ficae certo que, a primeira Igreja que vagar na Diocese será para o Vieira—. Com effeito vagou, em seguida a Igreja de S. Silvestre de Requião no concelho de Villa Nova; tinha a Igreja de Requião, o titulo de Reitoria, e o Prelado, attendendo aos merecimentos do novo parochio, elevou-a ao titulo de Abbadia.

O abbade de Requião prégou em a solemnidade das exequias por D. Pedro IV na Igreja da Lapa, no Porto, em as exequias pela Rainha D. Estephania em a Capella do Paço Archiepiscopal de Braga, o que lhe mereceu, com toda a justiça, o ser agraciado com as honras de Prégador Regio—. Prégou em as melhores e mais concorridas festas, quasi, em toda a provincia do Minho, em que o Abbade Vieira tinha nome, e era assaz conhecido.

Foi tambem um jornalista distincto, não se envolvendo em questões politicas.



## A LAGRIMA

«O Barqueiro do Cavado», o primeiro jornal que houve em Barcellos, teve como primeira illustração das suas columnas a penna de José Vieira e Souza Coutinho.

Trabalhou muito e morreu pobre! Era um Padre de familia; franco e modesto, sem ambições e sem inimigos. Veio a extinguir-se na terra, que lhe foi berço; e ali está modestamente enterrado no cemitério de Barcellos, que hoje lhe ergue sobre a campa singella esta singella homenagem.

*Archeolog.*

### O MARCOS

Sabem já os leitores da *Lagrima* que não estão a contas com um desconhecido.

São já numerosas as partidas que o Marcos vem pregando á humanidade, a maior parte das quaes aqui temos publicado.

Hoje vamos relatar mais outra que—como as transactas—revela o feitio chuchador do nosso heroe.

Na penultima terça-feira—ás 4 horas da manhã, tomára elle a diligencia que de Barcellos faz carreira—uma vez por semana—para Braga.

A primeira paragem effectuou-se em Barcelinhos onde o carro—como de costume—recebe passageiros.

Tomou logo ahi assento uma mulher de Alvellos, junto ao Marcos, e poucos instantes passados appareceu a esposa do Rente que—com toda a seriedade—faz ha muitos annos recovagens entre esta villa e a cidade das frigiditas. Quando assomou ás trazeiras da traquitana perguntou:

—Já está por aqui alguém?

Ao que respondeu a passageira, de dentro, affirmativamente.

Assentou-se a recoveira em frente ao Marcos que—aproveitando-se da escuridão—despachou a seguinte pergunta á Rente.

—A sr.<sup>a</sup> faz favor de me dizer: Barcellos é aqui...

—E' do outro lado do rio; aqui é Barcellinhos,

—Muito obrigado.

—...Pelos geitos o sr. não é d'estes sitios...

—Eu sou herdeiro do Machadinho.

—Dizem que elle era casado.

—Não senhora. Como parentes só tem vivos dois sobrinhos no Pará e um irmão no Rio, que sou eu, que ainda hontem regressé do Brazil.

—Pois se o sr. trouxe documentos em como prove que é mano do Machadinho vac receber uma boa fortuna!

—A fortuna d'elle não me traz fome nem factura... Documentos possuo em como sou legitimo herdeiro... Agora sigo para Braga onde vou legalisar uns papeis no governo civil.

—...Pois meu filho foi que ajudou a vestir o defunto.

Davam por signal n'essa occasião uma roupa a um tal Daniel (que o sr. não conhece) e—veja lá!—o figurão não a quiz! Pois olhe, sr., o morto não morreu tísico.

—Pois deixe estar; como seu filho foi quem vestiu meu mano...

—...E meu compadre...

—...Da sr.<sup>a</sup>?

—Sim.

—Pois não tem duvida. Como o Joaquim de Faria Machado era seu compadre e como o filho da sr.<sup>a</sup> vestiu o cadaver, eu não me esqueceréi. Conte desde já com as roupas do fallecido. Eu liquido tudo depressa, pois como retirar para o Brazil o mais breve possivel.

—Já vejo que o sr. é como seu mano, muito bom homem. Deus lhe dê largos annos de vida.

\*

O carro foi rodando...rolando... e o dia clareando...clareando e quando fez uma estação em Martim, o cocheiro tomou cachaça, os burros ar e os passageiros desceram da traquitana para despejar a bexiga. E...oh! dura sorte... os primeiros lampejos do dia mostraram á Rente não o herdeiro do Machadinho, mas a cara do Marcos, com um riso de escarninho, zombeteiro... A recoveira ia por um pouco desabando cerce no chão.

—Então... o sr. Marcos é que é o irmão e herdeiro do Machadinho? Comeu-me bem a cabeça.

Pobre mulher! Foi por um tris herdeira. Acalentou por momentos uma esperançasinha, que a luz do dia desfez prompto mostrando a physionomia do supposto herdeiro...

«De noite todos os gatos são pardos...»

### FINO VINHO

Vinho fino, de chipêta, d'uma cana, bebemos nós um dia destes mercê da amabilidade do depositario da Adega Regional, n'esta villa.

Trata-se—nem mais nem menos—d'um typo de vinho verde do Minho, absolutamente puro e contendo as suas mais ricas propriedades.

O unico defeito que tem (pois não ha bella sem *sendon*) é custar cada garrafa 150 reis!

Vende-se o vinho na mercearia Miranda, ao Campo da Feira.

### Um punhado de mentiras

Ha dez ou doze annos havia n'uma fraguezia proxima d'esta villa um padre muito rico, que para guardar o dinheiro que possuia, metteu-o n'um sacco e escondeu-o n'um sitio qu'quer da igreja com a seguinte legenda:

*Dominus est in ipso loco* «o Senhor está n'este lugar.»

Procurando-o d'ahi a algum tempo encontrou o sacco vazio e em lugar da primeira legenda, esta outra: *Ressurrexit, non est hic!* «ressuscitou, não está aqui».

\*

Um lavrador de Quiraz, que na sua aldeia costumava levar á urna meia duzia de votos, ouviu contar um disparate que, no exorcismo das suas fúncões, praticara o regedor da freguezia.

—Grande burro! exclama. Assim tambem eu era regedor.

\*

Um sujeito, muito conhecido n'esta villa pelas suas partidas, apresenta-se um domingo em casa d'um seu devedor—pessoa d'alta estatura, que só recebia visitas ás segundas e sabbados—para lhe ser paga a conta em debito.

O credor, depois de ir participar ao amo que o procuraram, trouxe a resposta de que o patrão não recebia n'esse dia.

—Isso é indifferente, respondeu o credor. Não é preciso que receba... basta que dê...

\*

Um sujeito pouco delicado pediu na antiga casa Mondanha em que se encontrava para lhe arranjar um refresco—sem empregar o *por favor* do estylo.

—Pois não, responde o dono da casa. Abram essas janellas, para entrar o *fresco* aqui para o snr. F.

\*

Um typo que contrahiui ha dias matrimonio, pediu a um padre para o confessar. No fim o reverendo absolveu-o.

—Então não me dá penitencia?

—Pois você não me diz que se vai casar? Como penitencia, não conheço coisa melhor.

\*

Um nosso amigo, pae do familia, tem um filho ainda pequeno chamado Jacintho. Ha dias encontrou-o no quintal, perto d'umas flores, com os pés inteiramente cobertos do terra.

—Que estás ahí a fazer? perguntou, surpreendido.

—Estou a ver se cresço, porque a mamã tambem mandou pôr os jacinthos nos vasos, com os pés debaixo da terra, para elles crescerem depressa.

\*

O Theophilo Martins veio á nossa redacção pedir-nos para que *deitassemos* á «Lagrima» os *francos* do Mineiro, no jogo do bilhar.

Dahi a poucos entrava-nos este pela porta dentro e pediu-nos para que *deitassen* os no nosso jornal os *puchancos* do Theophilo.

Vão lá entendel-os!..

\*

Um cabo interroga um recruta.

—Que numero tiraste nas sortes?

—Um.

Voltando se para outro:

—E tu?

—Eu tirei outro.

## PERFILÕES MASCULINOS

E' de meã estatura;  
corpulencia regular;  
olhos pequenos, mas vivos;  
barba á *guise* sóe usar.

Não é dandy, nem janota,  
mas veste polidamente.  
Temperamento nervoso,  
mas tratavel e prudente.

Nas diversas commissões  
gosta de ser o *mandão*.  
Poucos porem, que o condemnam,  
seu merito egualarão.

Move a cada passo os hombros.  
Isto vem-lhe, com certeza,  
de quando, mochila ás costas,  
já serviu a realenza.

D'uma repartição publica  
é secretario zeloso.  
Da Camara? da Fazenda?  
Não, seu grande curioso!

Matuta, leitor amigo.  
Quem é, não digo. Isso não!  
Nem que mandes empregados  
da nossa administração.

(estou porém convencido  
de que a isso não te atreves,  
p'ra levarem-me á presenca  
do bom Secundino Esteves.

Um galucho entra n'um estabelecimento d'esta villa e pede: «um *inguilopin* e uma *sentina* de 25.

Depois de largas interrogações chegou-se á conclusão de que o homensinho queria um envelope e um sello de 25.

Br!..

### «Revista Amarella»

Temos recebido esta apreciavel publicação litteraria que—dizemol-o sem favor—se apresenta excellentemente collaborada.

Destaca-se vantajosamente das revista similares—já pela parte scientifica, interessante e variada, já pela parte litteraria, d'um valor e merecimento incontestaveis.

Agradecemos a honra da permuta.

NAMOROS

*Carta a umas meninas*

E' possível, minhas senhoras, que Vocencias não possuam já a menor reminiscencia da insignificante epistola que o mais humilde dos creados lhes dirigiu por intermedio do ante-penultimo numero d'este jornal.

(E ainda a minha ingenuidade me leva a admittir tal supposição apenas como *possivel!* Eu emendo, porém, minhas senhoras, *é mais que certo* que se lhes tenha inteiramente desvanecido da memoria a recordação da supra-citada epistola).

Se os tempos têm corrido tão accidentados! tão prodigos de casos sensacionaes! — desde a anciedade que causou aquella ascenção, tristemente celebre, dos tres aeronautas portuenses, que partiram por uma bella manhã d'um d'estes dias d'outono a gosar a ampliação do espaço — até á sensação de momento que, necessariamente, produzem certas noticias forjadas por qualquer embusteiro de profissão.

E depois, minhas senhoras, o jornal nem chega a ter a duração das tão decantadas rosas de Malherbe. Dispensam-se-lhe uns minutos de attenção durante uma leitura passageira e prompto—arruma-se, pois fica apto a desempenhar as verdadeiras funcções que a maioria dos leitores lhe destina: embrulhar umas botas ou vende-lo a peso.

E' por isso que hoje, muito embora a gloria esteja a preços modicos e os talentos pullulem a cada canto, raro é o que adquire uma celebridade estavel (*perdoe-n-me o uljectivo*) por meio do journalismo. O leitor nunca avalia quantas intelligencias e energias se gastam, (claro! refiro-me ao jornal dos grandes centros), quantos trabalhos e dedicações se dispendem para encher essas paginas sobre que elle indifferentemente passa a vista—entre um bocejo e a bafurada de fumo d'um cigarro.

Mas... perdão, lá ia eu seguindo o costume antigo de me perder em divagações que na ta tem com o facto principal. Eu retomo, porém, o fio d'esta palestra amena.

Pouco importa que Vocencias se tenham esquecido da minha humilde epistola e consequentemente, do assumpto que a motivou. Eu encarrego-me de o lembrar a Vocencias e de collocar a questão no seu estado primitivo.

...Que eu já nem sei bem do que fallava... ah! agora me lembro — era de namoros. (Parece-me que advinhei).

\*

Eu desejava apresentar-lhes a narração de meia duzia d'esses *casos de paixão*, sobre que posso curiosos apontamentos.

Como isso occupasse bastante espaço e me

obrigasse a addiar successivamente a terminação d'estas cartas, eu prefiro transcrever das «Farpas» a opinião que os dois grandes Mestres, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão—possuíam sobre este mesmo assumpto: —namoros.

Dizem as «Farpas»:

«O que é o namoro? O namoro é a occupação predilecta, muitas vezes exclusiva, de uma quantidade innumeravel de individuos que, ao abrigo dos costumes e a salvo da policia, praticam por habito, *por moda, por dever de dandysmo*, em plena impunidade, o attentado mais estúpido, mais grosseiro, mais ordinario, mais pelintra, que um homem de espirito e um homem de bem pode commetter em detrimento da dignidade, da honra, do culto e da religião domestica. Este acto consiste em attrahir e fixar n'um passeio, n'um theatro, n'uma igreja, o olhar de uma menina honesta; de a seguir até casa como se segue uma *loret e.* a ella, que vae ao lado de sua mãe, no meio dos seus irmãos mais novos ou pelo braço de seu pae; de lhe dirigir ao outro dia uma declaração de amor por intermedio de um jornal complacente ou de um criado brejeiro; de lhe pedir uma resposta, uma entrevista, um signal *de que lhe não é indifferente.*

A menina, *para a qual toda a educação do espirito até ahí recebida tem sido uma preparação para esta crise* e um annuncio do seu advento, ella, a quem já tardava a experiencia propria de uma d'essas aventuras que constituem o elemento principal dos livros que lhe reem deixado ler, dos romances, dos poemas, das gravuras e das lythographias que tem visto, los dramas e das operas que tem ouvido, ella, *cujas amigas todas namoram*, ella, a quem o proprio confessor perguntou já por duas ou tres vezes, em voz baixa, no mysterio sombrio do confessionario, por meio de um circumloquio da cartilha se ella não namorava tambem, ella, finalmente, que foi conduzida e guiada a é a romanesca situação que repentinamente lhe apparece por todas as suggestões e por todas as influencias sociaes, pela litteratura, pela arte, pelos costumes, pela propria religião — responde a esse homem, responde por uma carta, por um annuncio, por um signal, por um mero olhar agradecido: *que não é indifferente.*

Eis ahí uma synthese preciosa da maioria dos casos que conheço. Vocencias estudem-na, meditem-na bem e verão que chegam á conclusão que eu queria tirar d'estas cartas: que é um sentimento de vaidade que as leva a responder ás amorosas declarações dos taes individuos; que essa vaidade é o producto d'uma educação mal orientada.

*Um admirador de Vocencias.*